

O ACRE ENTRE OS GRUPOS AFRICADORES DO BRASIL

Autora: Carina Cordeiro de Melo*

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, ainda nos ressentimos da falta de dados lingüísticos e fonéticos em número significativo que nos permitam delimitar as áreas dialetais do país. A divisão proposta por NASCENTES (1953), fundamentada em dados lingüísticos, mas influenciada pelo aspecto geográfico, já não dá mais conta da situação lingüística atual. O autor insere o Estado do Acre no grupo amazônico que, por sua vez, é uma das divisões do grupo do Norte; a outra ramificação do grande grupo Norte é o grupo nordestino. No grupo amazônico figuram, além do Estado do Acre, os Estados do Amazonas, do Pará e uma parte de Goiás, o que constitui, em nosso entendimento, delimitação excessivamente ampla, que não leva em consideração as peculiaridades lingüísticas de cada um desses Estados.

Nos últimos decênios, estudos diversos têm contribuído, direta ou indiretamente, para uma nova divisão das áreas dialetais do país, sejam abordagens, sob diversos pontos de vista, de aspectos fonéticos e lexicais das modalidades orais do português, sejam elaborações de Atlas Lingüísticos de diversos Estados do país¹.

Nesse sentido, este trabalho está sendo desenvolvido como sub-projeto de pesquisa no âmbito do Programa PIBIC/CNPq/UFAC. Visa contribuir para a descrição do português falado no Estado do Acre, atendendo a um dos objetivos do Projeto de Pesquisa “Descrição do Português falado no Estado do Acre, Estudos Fonéticos e Fonológicos” e, também, fornecer subsídios para a construção do Atlas Lingüístico do Acre, em andamento no Centro de Estudos Dialetológicos do Departamento de Letras da Universidade Federal do Acre.

Antes de adentrar o trabalho propriamente dito, parece necessário explicar os motivos da escolha deste tema específico, o *Acre entre os grupos africanos do Brasil*: a falta de dados lingüísticos e fonéticos em número significativo para permitir a identificação das características dialetais do português falado no Estado do Acre, especialmente no que se refere ao fato de os acreanos pertencerem aos grupos ditos africanos ou aos grupos não africanos², quando se trata da produção das oclusivas alveolares /t/ e /d/. Os grupos africanos são aqueles que produzem a palatalização dessas consoantes e os grupos não-africanos são os que, evidentemente, não a

¹ Atlas Lingüístico da Paraíba, Atlas Lingüístico de Sergipe, Atlas Lingüístico Sonoro do Pará, entre outros.

² Terminologia emprestada à ALBANO, Eleonora C. “O Português Brasileiro e as Controvérsias da Fonética Atual: Pelo Aperfeiçoamento da Fonologia Articulatória”. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. spe, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo, php>.

produzem. Os cariocas e os mineiros, por exemplo, figuram como exemplos do primeiro caso³. Os acreanos estão colocados, a fiar-se apenas em impressões auditivas, no grupo de africadores, mas, até o presente momento, não há estudos específicos acerca dessa questão,⁴ tendo esta pesquisa a pretensão de suprir essa lacuna.

2 PALATALIZAÇÃO

No âmbito da fonologia, no português brasileiro, mais especificamente nos dialetos nos quais ocorre a palatalização das consoantes oclusivas alveolares, as africadas representam alofones dos fonemas /t/ e /d/. Tradicionalmente, diz-se que as africadas encontram-se em distribuição complementar.

De fato, o fonema /t/, normalmente articulado como uma consoante oclusiva alveolar desvozeada, se manifesta como africada alveopalatal desvozeada [tʃ]. E o fonema /d/, que normalmente é articulado como uma oclusiva alveolar vozeada, se manifesta como africada alveopalatal [dʒ]. Essa variação jamais ocorre em ambientes lingüísticos idênticos, isto é, formando pares mínimos : [tʃ] e [dʒ] só ocorrem antes de [i], /t/ e /d/ ocorrem antes das outras vogais, mas não ocorre antes de [i].

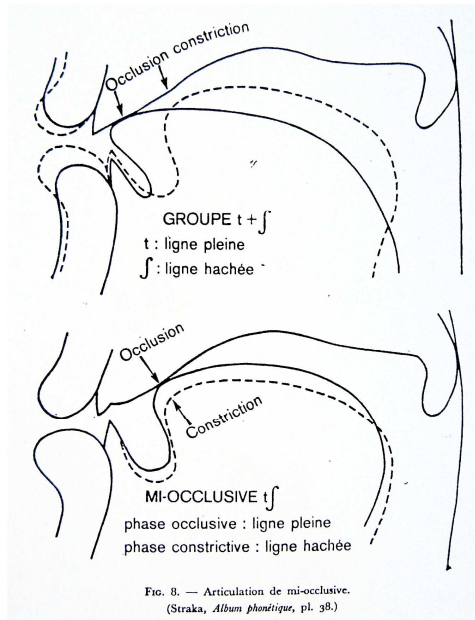
No plano fonético, segundo MALMBERG (1954), qualquer consoante define-se segundo seu modo de articulação. Assim, um /t/ é uma consoante oclusiva e a mesma classificação aplica-se ao /d/; um /s/ é uma consoante fricativa, da mesma forma que um /z/. Por outro lado, esses sons podem sofrer alterações em função do contexto fonético em que se encontram. Assim, as africadas palatais /tʃ/ e /dʒ/ são uma espécie de combinação entre o tipo oclusivo e o fricativo, o que é bem demonstrado no *croquis*⁵, de número 1, que segue. As legendas em francês estão vertidas para o português.

³ A propósito, ver os estudos de Thaís Cristóvão em *Fonética e Fonologia do Português*. Contexto Editora. São Paulo, Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios, 2001.

⁴ O único estudo encontrado, que aborda brevemente a questão, encontra-se na tese de doutorado de: MESSIAS, Lindinalva. *Les Consonnes Orales du Portugais du Brésil: Analyse Segmentale et Perceptive de la Sonorité et de l'Assimilation*. Université Marc Bloch, 1999.

⁵ STRAKA, Georges. *Album Phonétique*. Québec: Presses de l'Université Laval, 1965.

Articulação de [tʃ]

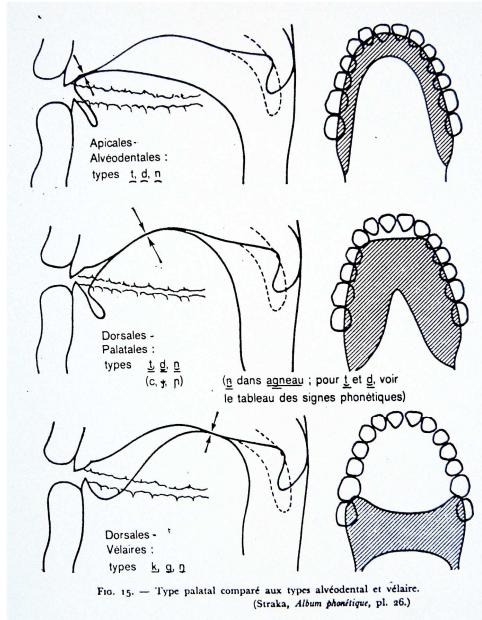


- Oclusão-constricção
- Grupo t + S
- t: linha cheia
- S: linha pontilhada
- Oclusão
- Constricção
- Meio-oclusiva tʃ
- Fase oclusiva: linha cheia
- Fase constrictiva: linha pontilhada

Aliando o plano fonético à dialetologia, pode-se dizer que as africadas ocorrem em alguns dialetos do português brasileiro, como consequência da palatalização (ou africacção) das oclusivas alveolares diante da vogal alta anterior [i], sendo tomados como exemplos clássicos, na literatura, o *t* e o *d* iniciais das palavras “tia” e “dia”. Aqui cabe lembrar que essa vogal também pode ser representada pelo “e” ortográfico, quando produzido [i], fenômeno muito comum no português brasileiro, quando o “e” se encontra em posição final absoluta de palavra. Por exemplo, *ele pede*, *ela é forte*, *um guindaste*, etc.

Voltando à descrição puramente fonética, deve-se lembrar que as oclusivas alveolares /t/ e /d/ assimilam a propriedade de palatalização da vogal [i], tornando-se alveopalatais. Com a palatalização, as oclusivas passam a ser produzidas como africadas alveopalatais, conforme Malmberg, acima citado, sendo articuladas com a parte anterior da língua tocando o palato duro. Nesse caso, ocorre a mudança do lugar de articulação, de alveolar para alveopalatal, e do modo de articulação, de oclusiva para africada, processo que fica bem claro com a observação do *croquis* de número 2, a seguir.

Articulação das oclusivas alveo-dentais



- Apicais: alveo-dentais
- Tipos t,d,n
- Dorso-palatais
- Tipos tS e dZ

4 METODOLOGIA

A pesquisa teve início com leituras da bibliografia prevista no cronograma do subprojeto e com a escolha dos informantes. Paralelamente, adotou-se a fala espontânea como estilo de discurso por não estar sujeita a nenhuma espécie de imposição que poderia interferir na naturalidade da fala dos informantes. Assim, optou-se por respostas gravadas de informantes a questionário elaborado para fornecer dados para a construção do Atlas Lingüístico do Acre. Embora se tratasse de um questionário, os temas abordados eram diversos, sem nenhuma conexão com a temática deste estudo, e as respostas eram livres e espontâneas.

Quanto à escolha dos informantes, foram selecionados da seguinte forma: 7 informantes do Vale do Acre, 4 homens e 3 mulheres; 6 informantes do Vale do Purus, 3 homens e 3 mulheres; e cinco informantes do Vale do Juruá, 3 homens e 2 mulheres. Dessa forma, as três zonas do Estado, estabelecidas pelo Atlas Lingüístico do Acre, foram contempladas.

A pesquisa teve prosseguimento com a oitava de 18 fitas K7, com aproximadamente 60 minutos de duração cada, contendo 18 inquéritos do questionário específico aplicado a seringueiros das três regiões do Estado do Acre, acima citadas.

Utilizou-se o alfabeto fonético internacional para a transcrição dos dados.

5 CONSTRUÇÃO FONÉTICA DO CORPUS

O corpus, constituído de frases, comporta palavras contendo as consoantes /t/ e /d/, que aparecem em todas as posições possíveis, diante da vogal [i].

- Em início de sílaba e de palavra: 196 palavras. Exemplos: tia, tinha, dia, disse.
- Em início de sílaba, no interior da palavra: 162 palavras. Exemplos: Testinha, todinha.
- Em final de sílaba e de palavra: 33 palavras. Exemplo: Forte, gente, arde, vontade.

5 PRIMEIROS RESULTADOS

Em termos de resultados, constatamos, nas produções dos informantes, a realização generalizada das oclusivas alveolares /t/ e /d/ como africadas áptico-palatais [tS] e [dZ] no contexto fonético esperado, ou seja, quando se encontravam diante da vogal alta/anterior [i]. As produções foram as seguintes:

- No vale do Acre (7 informantes):
 - de um total de 93 realizações de /t/, houve 100% de palatalização;
 - de um total de 128 realizações de /d/, houve 100% de palatalização.
- No vale do Juruá (5 informantes):
 - de um total de 116 realizações de /t/, houve 100% de palatalização;
 - de um total de 149 realizações de /d/, houve 100% de palatalização.
- No vale do Purus (6 informantes):
 - de um total de 179 realizações de /t/, houve 87% de palatalização;
 - de um total de 200 realizações de /d/, houve 85,5% de palatalização.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O número de não africacão de /t/ e /d/ não é muito importante: num total de 865 ocorrências observadas, em apenas 52, ou seja, 6,5 % dos casos, não houve africacão. Cabe ressaltar que esse

percentual representa as produções de apenas um informante que, embora se encontrasse há muito tempo no Acre, (há cerca de 30 anos na época das gravações) é natural do Estado do Ceará.

Esse resultado parece apontar para a palatalização como característica dialetal do Estado do Acre. No entanto, para afirmações mais decisivas, é necessário que se faça uma investigação mais abrangente, com um número de informantes maior, incluindo-se as áreas urbanas do Estado. Para resultados com maior rigor e precisão científicos, tornam-se necessários estudos por meio de programas específicos de análise da fala, tais quais *Winpitch* e *Praat*.

No momento, os estudos estão sendo alargados, no sentido de se homogeneizar o número de informantes e dividi-los por faixas etárias.

* *Bolsista do PIBIC/CNPq/UFAC*
Centro de Estudos Dialetológicos do Acre